

“CHAMEM O JOSÉ BERNARDO!”

Uma evocação histórica em cinco atos

“CALL FOR JOSÉ BERNARDO”

A historical evocation in five acts

ANA MARIA BARROS PIRES
Instituto Politécnico de Beja

O interesse pela história radica na questão primordial de saber quem somos e de onde viemos, o que nos remete para a relação com a memória. A Enfermagem sendo uma profissão com pouco mais de um século precisa que evoquemos as suas memórias para que, conhecendo o passado, possamos compreender melhor o presente.

Partindo dum acontecimento (o assassinato de Miguel Bombarda) relatado no Diário de Notícias de 4 de Outubro de 1910, e de um apelo feito por aquele médico à entrada do Hospital de S. José onde viria a falecer (“chamem o José Bernardo!”) procuraremos desocultar a figura do enfermeiro José Bernardo e as competências que lhe foram reconhecidas. Encontrá-lo-emos, ao longo de vários anos, no mesmo jornal aquando das notícias sobre as diferentes homenagens de que foi alvo pelo seu trabalho. Da análise decorreu a apresentação em “cinco atos”, circunscrevendo etapas na narrativa.

Os jornais são, principalmente na primeira metade do século XX, o reflexo directo do que acontece num país e a análise do discurso neles produzido permite encontrar os significados que são criados pela linguagem enquanto característica central e constitutiva da vida social.

Como fonte primária usamos o Diário de Notícias no período de 1910 a 1925; como metodologia, a análise do discurso e como autores, entre outros, L. Nunes, C. Nogueira, J. Potter e M. Wetherell.

Palavras-chave: história de enfermagem; competências; biografias; século XX

Interest in history take root from the main issue of knowing who we are and where do we came from, which bring us back to relation with memory. Nursing, being a profession with little more than a century, needs that we evoke its memories so that, knowing the past, we can better understand the present.

Starting from an incident (the murder of Miguel Bombarda) reported on the newspaper Diário de Notícias on the 4th October 1910, and an appeal made by that physician at the entrance of the hospital S. José, where he died hours later (“call for José Bernardo!”), we will tried to reveal male nurse José Bernardo and the competences that have been recognized. We will find him over several years, in the same newspaper in the news about several tributes he had received for his work.

Newspapers, especially in the beginning of XX century, are a direct reflex of what happens in a country and the analysis of what is written on the news allow us to find the meanings created by language while a central and constitutive feature of social life.

As primary source we used the newspaper *Diário de Notícias* between 1910 and 1925; as methodology discourse analysis and authors such as L. Nunes, C. Nogueira, J. Potter e M. Wetherell.

“CHAMEM O JOSÉ
BERNARDO!”
Uma evocação
histórica em
cinco atos

Key words: nursing history; competences; biographies; XX century

ENQUADRAMENTO

O exercício profissional da enfermagem tem o seu eixo na relação que se estabelece entre o enfermeiro e uma pessoa ou grupo de pessoas (OE, 2001), relação essa que se funda na confiança que o cliente tem na pessoa do enfermeiro. Sendo a confiança uma dimensão essencial de toda a convivência humana, ela desenvolve-se no âmbito do exercício pelo impacto positivo que as acções do enfermeiro têm na pessoa. A pessoa reconhece credibilidade no enfermeiro, sente a garantia que as suas acções se fundamentam no conhecimento e experiência, identifica-o como competente para realizar o cuidado de que necessita. Assim o conceito de competência não pode ser desligado do agir porque é na acção e numa situação específica que a competência se demonstra, ou seja que se mobilizam os recursos, conhecimentos e capacidades para a sua resolução (Le Boterf, 1995). O agir competente evidencia-se em “situações novas ou quando o contexto em que a acção se desenrola exige um maior controlo sob a mesma” (OE, 2009, p. 11). Ser competente é ser exemplar no sentido em que se demonstra o que se espera dum profissional, neste caso, de enfermagem.

O exemplo pode também ser descrito, evidenciando as competências que alguém demonstrou no exercício da sua profissão e que são reconhecidas por outros. E quando essa descrição ocorre em notícias na imprensa generalista de grande circulação permitenos “conhecer as formas de sensibilidade, dos gostos dominantes, da actividade mental de certas camadas sociais e em determinadas épocas” (Tengarrinha, 1989, p.18) uma vez que ela é o reflexo directo do que ocorre na vida de um país.

Propomo-nos, neste artigo, desocultar a figura de José Bernardo, enfermeiro no Banco do Hospital de S. José, através das notícias sobre ele veiculadas no jornal *Diário de Notícias* num período entre Outubro de 1910 e Janeiro de 1929. O discurso produzido nessas várias notícias faz emergir as competências que tornaram o enfermeiro José Bernardo num profissional muito considerado. O limite temporal definido, nos primeiros decénios do século XX, remete-nos para a História e para a questão primordial de saber quem somos e donde viemos. Preservar o acontecido e, pela narrativa, dar-lhe um sentido (Nunes, 2009) poderá ajudar-nos a caracterizar a nossa identidade profissional, fazendo emergir os factores estruturantes dessa mesma identidade num período definido de tempo.

Ao usar a imprensa generalista como fonte primária de colheita de dados tivemos em consideração o facto de a imprensa, no final do século XIX e início do século XX, ter sido uma referência quotidiana, o espaço público em que a sociedade e o Estado existiam, onde as ideias circulavam, os autores se manifestavam, onde a opinião pública se estabelecia.

A imprensa foi o instrumento do debate público das ideias. Mesmo com uma elevada taxa de analfabetismo, os periódicos tinham uma grande circulação no nosso país, “sendo frequente a sua leitura em voz alta em pequenas vilas e aldeias perante assistências heterogêneas do povo analfabeto, que ouvia e comentava” (Oliveira Marques, 1991, p. 600). A escolha do periódico Diário de Notícias teve em conta o facto de ser um dos principais periódicos publicados no país, pelo seu âmbito geográfico, pela regularidade da sua publicação e pelo público abrangido (Tengarrinha, 1989).

O conjunto de textos escritos obtidos foi analisado com base nos pressupostos conceptuais da análise do discurso.

A análise do discurso é uma abordagem que investiga a linguagem em uso quotidiano e em contextos sociais. Procura-se compreender como as pessoas usam a linguagem nas suas interações sociais sendo que ela “constrói os objectos, os sujeitos, a subjectividade e o “self” (Willig, 1999, citado por Nogueira, 2001, p. 19). Na análise do discurso o foco não é a linguagem enquanto entidade abstracta com um conjunto de regras gramaticais mas antes como um meio para a interacção. Assim a análise do discurso torna-se a análise do que as pessoas fazem. A linguagem não é apenas uma ferramenta de descrição e um meio de comunicação, antes uma característica central e constitutiva da vida social: é o local onde os significados são criados e modificados (Wood e Kroger, 2000). Potter e Wetherell (1987) utilizam o termo discurso de uma forma ampla englobando todas as formas de interacção verbal, formal e informal, e textos escritos; afirmam que os textos sociais não são apenas um reflexo dos objectos ou acontecimentos existentes, mas antes constroem activamente uma versão desses factos. Não descrevem apenas; fazem “coisas”. Assim sendo têm implicações sociais e políticas.

Sendo a actividade discursiva produtora de significados, ao colocá-la na sua relação com um determinado momento cultural e histórico procura-se as condições que permitiram o emergir de um determinado discurso (Nogueira, 2001).

ACTO 1 – “CHAMEM O JOSÉ BERNARDO”

Os dias que antecederam a implantação da República em Portugal foram vividos com agitação. No dia 3 de Outubro de 1910 o médico Miguel Bombarda foi alvo de um atentado em consequência do qual acabaria por falecer. A notícia, no jornal de 4 de Outubro, de contornos dramáticos, ocupa toda a primeira página do jornal e estende-se pelas páginas seguintes. Nesse relato, muito pormenorizado de como tudo aconteceu, é referido um apelo feito pelo médico à entrada do Banco, do ainda, Hospital Real de S. José: “*Chamem o José Bernardo! Preciso ser operado*”.

Duas simples frases que suscitam a interrogação: O que é que levaria alguém, gravemente ferido, a chamar, em primeiro lugar, por aquele enfermeiro? Quais seriam as suas qualidades e competências? Especialmente quando esse «alguém» era Miguel Augusto Bombarda.

Vale a pena fazer uma breve referência à figura de Miguel Bombarda e às circunstâncias que rodearam o atentado, porque do enaltecimento da sua figura emerge o enaltecimento da figura do enfermeiro José Bernardo.

Conceituado médico psiquiatra, Miguel Bombarda integra-se nas correntes filosóficas e científicas dos finais do século XIX, que defendem a Ciência como critério

último da verdade e garante do progresso e evolução da sociedade. Foi um dos principais defensores da Ciência Psiquiátrica e da ideia de que o louco tem direito a ser considerado como um doente e um desvalido e como tal protegido, amparado e medicado e isolado apenas quando representa um perigo para a sociedade. Opôs-se firmemente às ideias populares e supersticiosas sobre a loucura e foi um crítico feroz das ordens religiosas que, afirmava, se opõem às directrizes médicas (Pereira, 2010, p. 132). Foi um dos grandes defensores da enfermagem laica em Portugal e da necessidade de se criar um corpo de profissionais devidamente educado e instruído capaz de acompanhar os progressos científicos que a medicina teve na transição do século XIX para o século XX.

No campo político foi membro do Partido Republicano Português e era o chefe civil do movimento revolucionário de 5 de Outubro de 1910.

Voltando ao jornal, a forma como a notícia está redigida revela o choque que causou o seu atentado, pelo menos em Lisboa. Evidencia as qualidades do cidadão republicano, a sua nobreza de carácter, as suas qualidades como homem de ciência e o seu reconhecimento internacional.

A descrição de como tudo se passou é ela própria um elogio à sua figura. A 3 de Outubro, Miguel Bombarda, a trabalhar no seu gabinete no hospital de Rilhafoles (posteriormente Manicómio Miguel Bombarda), foi alvejado com três tiros por um antigo doente seu. Consciente das repercussões que esse acto poderia ter nas vésperas da revolução republicana (que iria ser adiada para 5 de Outubro precisamente pelo sucedido), pediu que não lhe fizessem mal porque era um louco, e por isso sem consciência da dimensão dos seus actos. Saiu do hospital pelo seu pé, tomou o mesmo carro que o doente usara e dirigiu-se ao hospital de S. José. Ainda pelo seu pé, saiu do carro e entrando no Banco do hospital chamou pelo enfermeiro José Bernardo e disse-lhe: “Estou ferido, preciso de ser operado.”

Miguel Bombarda morreria ao final do dia. O seu funeral realizou-se a 16 de Outubro, juntamente com o de outro herói da República, o Almirante Cândido dos Reis. Estas duas cerimónias constituíram, em Lisboa, a primeira grande manifestação popular de apoio ao novo regime.

Na transição do século XIX para o século XX o pessoal de enfermagem que trabalhava sobretudo nos hospitais e asilos é constituído por profissionais indiferenciados, sem preparação específica, com uma instrução elementar e que auferem salários tão baixos que torna impossível a sua selecção criteriosa (Nunes, 2003). As bases do seu trabalho eram aprendidas na prática, informalmente ensinadas pelos médicos. Não tinham qualquer espécie de ensino teórico ou treino sistematizado. Por outro lado os hospitais viviam com permanentes dificuldades financeiras, estavam instalados em edifícios deteriorados, sem condições de higiene e salubridade, sobrelotados de doentes. Nestas circunstâncias podemos compreender que o trabalho de enfermagem dificilmente seria atractivo para alguém, como afirmava Curry Cabral (1915) no seu relatório, pelo que a ele só concorriam pessoas com tão poucas habilitações que não lhes permitiam outro modo de vida ou que, tendo habilitações, não conseguiam outro emprego. O pouco valor dado ao trabalho de enfermagem permitia, ainda segundo Curry Cabral, que os enfermeiros fossem os únicos profissionais a quem não eram pedidas provas de competência na sua admissão. E eram também profissionais que não tinham qualquer tipo de protecção social em caso de doença, invalidez e velhice.

“CHAMEM O JOSÉ
BERNARDO!”
Uma evocação
histórica em
cinco atos

Mesmo com a criação de escolas de enfermagem nos principais hospitais do país (Lisboa, Porto e Coimbra) a preparação dos enfermeiros não melhorou uma vez que, sendo frequentadas maioritariamente por pessoal que já trabalhava nos hospitais, os alunos tinham dificuldade em assistir às aulas, por incompatibilidade de horários.

São sobretudo os baixos salários oferecidos e um trabalho duro e perigoso que tornam difícil um recrutamento criterioso do pessoal de enfermagem, sempre necessário dado o excesso de doentes internados nos hospitais, e desse modo questiona-se o carácter dos candidatos a enfermeiros (Silva, 2008). No decreto que reorganiza os Hospitais Cíveis de Lisboa (Decreto nº 4563, Diário do Governo nº155, I série de 12 de Julho de 1918) é sublinhada a importância de se criarem critérios de admissão do pessoal de enfermagem sendo um deles a idoneidade moral. Este será também um dos critérios definidos no mesmo decreto para a promoção dos enfermeiros. E nos artigos que se referem à remodelação da Escola Profissional de Enfermagem é prevista a possibilidade de se contratar, no estrangeiro, uma enfermeira “com competência e idoneidade” para ajudar na educação profissional e moral dos alunos. Esta insistência na idoneidade moral dos enfermeiros e candidatos a enfermeiros poderá confirmar a ideia de ser esta uma faceta em falta em muitos dos profissionais de então.

Apesar deste panorama de desvalorização da profissão há uma preocupação dos médicos em valorizar os enfermeiros na medida em que reclamam profissionais qualificados para os coadjuvar. A necessidade de uma formação mais moderna e adequada aos progressos científicos da medicina da época, a valorização dos salários e a melhoria das condições de trabalho dos enfermeiros foi defendida por figuras de reconhecido prestígio nacional e internacional, como foi o caso de Miguel Bombarda. Este foi particularmente veemente na defesa da necessidade da formação adequada dos enfermeiros, uma vez que estes têm saber agir sem ser por rotina, com *“uma intelligencia clara e bem-educada para que se comprehenda aquillo que se faz e se tem de fazer”* (Bombarda, 1910, p.12).

É neste contexto que a figura do enfermeiro José Bernardo surge enaltecida: se alguém numa situação tão dramática chama por aquele enfermeiro em particular é porque lhe reconhece competências para resolver a situação ou, de outra forma, se quer confiar aos cuidados desse enfermeiro na sua situação tão crítica.

ACTO II – JOSÉ BERNARDO, ENFERMEIRO “HONORIS CAUSA”

Encontramos em 1922-08-10, uma notícia sobre a sessão solene de atribuição de prémios e diplomas aos alunos da Escola Profissional de Enfermagem *“que melhor classificação obtiveram”*. A solenidade da sessão é-nos dada pela presença do ministro do Trabalho. Dos vários momentos e discursos, a notícia destaca a entrega de um diploma *“honoris causa”* ao *“velho e conhecido enfermeiro José Bernardo que perfaz 59 anos de efectivo”*.

Não sabemos ainda o que ele fez, mas sabemos que mereceu o reconhecimento traduzido na entrega do diploma. A entrega deste diploma pode ser compreendida uma vez que a reorganização dos Hospitais Cíveis de Lisboa, em 1918, obrigava a que todos os enfermeiros que trabalhavam nos referidos hospitais tinham de ser detentores do diploma da Escola Profissional de Enfermagem para serem admitidos no quadro de pessoal da instituição. Este acto poderá significar o reconhecimento da competência do enfermeiro de tal modo que o desobrigava de frequentar o curso de enfermagem da referida Escola.

A partir da data da sua constituição, em 1918, a Escola Profissional de Enfermagem dos Hospitais Cívicos de Lisboa foi sendo uma presença regular no jornal, ora com notícias mais circunstanciais, normalmente relacionadas com sessões solenes de abertura do ano lectivo, por exemplo, onde se descreve o ambiente, as personalidades envolvidas e se transcrevem os discursos proferidos, ora com pequenos apontamentos, por exemplo sobre o início das matriculas, fazendo-nos pensar que a existência da Escola, na cidade, não só não passava despercebida como merecia referências frequentes.

As notícias encontradas, relativas à abertura do ano lectivo ou ao início de matrículas, levam-nos a pensar que a Escola era reconhecida como importante na cidade. A descrição que é feita, com pormenor, das sessões de abertura, com a referência ao teor dos discursos e às personalidades envolvidas mostravam uma nova faceta da formação em enfermagem, com rigor e exigência, certificada pelas personalidades envolvidas. A descrição dos prémios atribuídos mostrava o empenho dos alunos e a sua competência, sancionados pela obtenção do prémio. A reprodução dos discursos devolvia ao público leitor a imagem de profissionais elogiados pelos seus professores, com competências próprias e reconhecidas pelos médicos. A escola surge como um lugar credível, onde se formam profissionais também eles dignos de crédito. Os enfermeiros foram associados ao prestígio dos hospitais e estabeleceu-se a relação directa entre uma classe com uma preparação escolar, agora mais exigente e sancionada pela obtenção de diploma, e o reconhecimento da qualidade das instituições hospitalares pelo público.

Estas notícias permitiam ainda mostrar que só a formação escolar, reconhecida legalmente, levaria à distinção entre os profissionais devidamente habilitados e os “charlatães”, ou seja, profissionais sem habilitações académicas, que trabalhavam quer nos hospitais quer nos domicílios, muitas vezes com prejuízo para as pessoas.

ACTO III – JOSÉ BERNARDO: UMA JUSTA HOMENAGEM

No ano seguinte, em 1923-11-09, surge uma nova notícia em que José Bernardo é referido. Desta vez a notícia é inteiramente dedicada à descrição da festa realizada em sua homenagem, na celebração dos seus 50 anos de serviço: *“JUSTA HOMENAGEM – ao veterano enfermeiro dos hospitais civis, José Bernardo”* é o título que encabeça uma fotografia do enfermeiro rodeado pelo director dos Hospitais Cívicos de Lisboa e outros clínicos.

A festa *“que constituiu uma comovida manifestação de respeito pelo antigo funcionário”* teve a presença de todos os enfermeiros disponíveis, médicos e outro pessoal dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Os discursos proferidos são unânimes em enaltecer as qualidades do velho enfermeiro sendo que o director dos referidos hospitais, comovido, (Dr. João Pais de Vasconcelos) incita o pessoal de enfermagem a seguir-lhe o exemplo. É-lhe entregue a medalha de mérito da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha e uma ordem de serviço dos hospitais civis com um louvor ao seu trabalho. Por fim um dos médicos presentes (Dr. Xavier da Costa) após as felicitações *“relatou à assistência que, quando do último congresso de medicina, o ilustre professor da Faculdade de Berlim, dr. Axenfeld, tendo assistido, no Banco á redução duma luxação do ombro, serviço feito pelo velho enfermeiro, declarou que era a primeira vez que via reduzir uma luxação com tanta perícia”*.

Temos então a primeira referência a competências técnicas e no caso, abalizadas por um “ilustre” professor estrangeiro.

Deste excerto podemos inferir que o enfermeiro José Bernardo teria habilidades psicomotoras que o distinguiam de outros enfermeiros, reconhecidas como elevado grau de perícia técnica.

Ainda não conhecemos as outras qualidades que o enfermeiro tem. Apenas sabemos que são elogiadas pelos médicos, que lhe granjeiam reconhecimento oficial e que são tão consideradas que devem ser tomadas como exemplo de conduta profissional.

ACTO IV – JOSÉ BERNARDO CONDECORADO

A nova referência ao enfermeiro, na realidade são três. Em Fevereiro de 1925, em três dias consecutivos (13, 15 e 16) anuncia-se primeiro que se vai realizar uma homenagem ao enfermeiro-chefe do banco do hospital de S. José; depois que se realiza (no próprio dia) a sessão solene onde lhe serão entregues as insígnias de cavaleiro da Ordem Militar de Cristo, acrescentando que é *“uma justa homenagem ao mais antigo e distinto enfermeiro do banco daquele hospital, que há mais de trinta anos tem dedicado com todo o seu saber e carinho, prodigalizando os socorros com uma solicitude e proficiência a todos que passaram pelo banco daquele hospital”*. A terceira notícia, já mais extensa, descreve a cerimónia. Os intervenientes são nomeados mostrando a importância dos seus cargos, o tom de exaltação patriótica é dado pela “Portuguesa” cantada pela assistência; os discursos sublinham *“as nobres qualidades”, “o enfermeiro carinhoso, conhecido e respeitado por todos”*.

Valerá a pena realçar que a Ordem Militar de Cristo, que tinha sido extinta pelo Decreto de 15 de Outubro de 1910, juntamente com as “antigas ordens nobiliárquicas” foi restabelecida em 1918, ficando então “destinada a premiar os serviços relevantes de nacionais ou estrangeiros prestados ao país ou à humanidade, tanto militares como civis”.

Emergem aqui qualidades como o saber, o carinho na relação com os doentes e ao modo de agir – solícito e proficiente.

ACTO V – “FINALE”

A última referência a José Bernardo surge em 31 de Janeiro de 1929. Nesta altura já o enfermeiro tinha falecido e a sua evocação, feita por Moreira Júnior (cirurgião e professor), na cerimónia de atribuição das insígnias da Torre e Espada aos hospitais civis de Lisboa, enquadra-se no elogio feito ao pessoal de enfermagem pela sua devoção, pelo trabalho penoso que desempenha e pela sua perigosidade. De José Bernardo diz o orador: *“lembro-me da sua acrisolada actividade, no banco deste hospital, da habilidade evidenciada, especialmente no tratamento de fracturas e luxações, da alegria que ia exteriorizando para distrair o pobre paciente, que muito lhe ficava querendo...”*

Notamos as três dimensões salientadas, quanto à atividade, quanto às habilidades e à alegria.

Não sendo, hoje, corrente o uso da palavra «acrisolada», ou seja, purificado pelo crisol, tem o sentido de aperfeiçoada e depurada. Assim, o orador qualificou a atividade como aperfeiçoada, a habilidade como evidência, com dados específicos na área traumatológica e a alegria com que distraía os doentes das suas maleitas e dores.

Diríamos hoje que as dimensões profissionais reconhecidas à época apresentam os traços do técnico e do relacional.

CONCLUSÃO

Destes vários excertos discursivos emerge a figura de um enfermeiro com competências técnicas e relacionais, com saber, capacidade de decisão e acção e com um carácter que o tornou respeitado por todos: colegas, médicos e doentes.

As referências a José Bernardo atravessam um período de tempo em que, em Portugal, a enfermagem passou de uma profissão exercida por pessoal indiferenciado (Nunes, 2003) para uma profissão sancionada pela obtenção dum diploma obtido em escolas reconhecidas legalmente.

Desde a reorganização da Escola Profissional de Enfermagem (1918), designação esta que assume a enfermagem como uma profissão (Nunes, 2003), que se inicia a distinção, no exercício, entre os profissionais detentores de diploma e os outros.

A enfermagem foi sendo progressivamente valorizada pela maior exigência de habilitações académicas, pela definição de critérios de aptidão e idoneidade moral, quer na admissão às escolas quer para progressão na carreira. Procurou-se melhorar a qualidade do pessoal de enfermagem quer em termos científicos quer em termos de atitude.

Então como agora, José Bernardo surge como um exemplo do que se espera dum enfermeiro: competência científica, técnica e relacional, um profissional capaz de julgamento clínico e de decisão. Tão confiável que é por ele que se chama em momento de maior aflição.

Evocar a sua figura é um contributo para a reconfiguração do passado da Enfermagem; o resgate da memória permite preservar o nosso sentido de identidade, dá-nos coesão e sentido de pertença enquanto grupo profissional.

Sendo a enfermagem uma profissão que tem o seu fundamento na relação com o Outro é sempre o seu olhar que nos devolve “o que de nós projectamos nele” (Nunes, 2009, p. 107). Sem esse olhar o nosso trabalho não faz sentido. E faz sempre sentido pensarmos sobre o que realmente queremos ver reflectido no olhar do Outro.

REFERÊNCIAS

- Bombarda, Miguel (1910). *Enfermagem religiosa*. Lisboa: Junta Liberal.
- Cabral, José Curry da Camara (1915). *O Hospital Real de S. José e annexos*. Lisboa: Typographia “A Editora Limitada”.
- Le Boterf, Guy (1995). *De la compétence*. Paris: Les Editions D’Organization.
- Nogueira, Conceição (2001). A análise do discurso. In L. Almeida & E. Fernandes (Edts), *Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação psicológicas*. Braga: Centro de Estudos, Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Disponível em <http://hdl.handle.net/182274355>.
- Nunes, Lucília (2003). *Um olhar sobre o ombro: enfermagem em Portugal (1881 – 1998)*. Loures: Lusociência.
- Nunes, Lucília (2009). *Ética: raízes e florescências em todos os caminhos*. Loures: Lusociência

“CHAMEM O JOSÉ
BERNARDO!”
Uma evocação
histórica em
cinco atos

“CHAMEM O JOSÉ
BERNARDO!”
Uma evocação
histórica em
cinco atos

- Oliveira Marques, António Henrique (1991). Portugal – da monarquia para a república. In J. Serrão & A. H. Oliveira Marques (Dirs.). *Nova História de Portugal* (Vol. XI). Lisboa: Presença.
- Ordem dos Enfermeiros (2001). *Padrões de qualidade dos cuidados de enfermagem. Enquadramento conceptual. Enunciados descritivos*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros.
- Ordem dos Enfermeiros (2009). *Modelo de Desenvolvimento Profissional*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros.
- Pereira, José Morgado (2010). O corpo – Estado, medicina e sociedade no tempo da I República. In Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (Edit.). *Viva a República* (pp. 31-137). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.
- Potter, Jonathan & Wetherell, Margaret (1987). *Discourse and social psychology*. Londres: Sage Publications.
- Silva, Ana Isabel (2008). *A arte de enfermeiro: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Tengarrinha, José (1989). *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Wood, Linda & Kroeger, Rolf (2000). *Doing discourse analysis: Methods for studying action in talk and text*. Londres: Sage publications.

Contacto: ana.pires@ipbeja.pt